

Editorial

A cidade como trama da vida cotidiana: a (r)evolução de Jane Jacobs

Revista Políticas Públicas & Cidades

Vinicius M. Netto

Qualquer que seja o tempo e lugar no qual sociedades tenham florescido e prosperado em vez de estagnar e decair, cidades criativas e funcionais estiveram no cerne desses fenômenos; elas trouxeram à tona seu melhor. O mesmo ocorre hoje. Cidades decadentes, economias em declínio e problemas sociais crescentes caminham juntos. A combinação não é incidental.¹

NETTO, V. N. *A cidade como trama da vida cotidiana: a (r)evolução de Jane Jacobs*. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v.4, n.2, p.1–8, ago./dez. 2016.

O título da nossa chamada para artigos e desse Editorial da jovem *Revista Políticas Públicas & Cidades* se mostra pequeno diante da obra de Jane Jacobs. Jacobs foi uma observadora aguda da vida cotidiana, mas foi muito além dela: suas observações alimentaram um

entendimento do mundo social e material com poucos paralelos nos estudos urbanos e outras disciplinas espaciais: na vida cotidiana, ela identificou os fios que mantêm nossas experiências e trocas articuladas, e o mundo social se reproduzindo. Daí seu fascínio pela economia, pela ideia de ‘sistemas de sobrevivência’, sua visão de cidades como ‘redes vivas de relações’, seu entendimento sistêmico da vida humana, material, ética e ambiental, como vemos em *Systems of Survival*, de 1992, e em *The Nature of Economies*, de 2000.

Sinto-me privilegiado por organizar este volume junto ao colega Wesley Medeiros: tentar capturar a dimensão da contribuição teórica, prática e política de Jacobs é um desafio encantador – pela importância e alcance de sua (r)evolução. Discutiremos nesse volume o quanto suas ideias e lições são válidas ainda hoje – incluindo em nosso contexto hoje, onde a falta de um ‘aprendizado com Jacobs’ se faz sentir na produção dos padrões de arquitetura e urbanização que comprovadamente se tornam mais rarefeitos, erodindo consigo a *trama da vida coletiva* no espaço.² Hoje sabemos que essa trama enfrenta dificuldades para emergir em espaços definidos por sequências de edifícios isolados, descontínuos – numa situação de *fragmentação* em oposição a uma arquitetura e um tecido urbano que ampare a presença das pessoas do espaço público. A pergunta que Jacobs se colocou em 2001 (“Por que eles querem seguir produzindo edifícios que estão matando suas cidades?”)³ lembra palavras ditas em uma palestra na *New School for Social Research* em Nova York, em 1958, que soam dramaticamente premonitórias sobre a realidade urbana hoje:

¹ Jane Jacobs, Prefácio para a edição de 1993 de *The Death and Life of Great American Cities*.

² Netto et al (2012); Saboya et al (2017); Netto (2017a, 2017b).

³ “Why do they want to keep on producing buildings that are killing their cities?” (Jacobs, 2016b [2001]:72).

Vamos ter um monstro urbano que nunca existiu – uma pseudo-cidade composta de ilhas economicamente segregadas, com consequências sociais terríveis e sem fim; composta de edifícios grandes, repetitivos, separados, monótonos, com terríveis consequências econômicas.⁴

Essa observação segue em entrevista, em 1962:

Se deixássemos de construir *conjuntos* [ou condomínios] e começássemos a construir *edifícios*, poderíamos aliviar a falta de moradia muito mais rápido, com muito menos remoções de pessoas, sem destruição de bairros e com aumento de densidade onde a densidade precisa ser aumentada.⁵

Essas observações seguem fazendo sentido em nosso contexto. Seguimos centrados no edifício isolado ou em ilhas isoladas, sem entender a cidade como trama sistêmica, onde as redes das trocas sociais e materiais precisam do tecido do espaço denso, **contínuo, para emergirem com força, gerando a ‘massa crítica’ da diversidade**. Os padrões arquitetônicos hoje no país desmontam *a priori* a condição para a complexidade da vida social acontecer (“Você vê, uma casa não é apenas um edifício; é um território, a conexão total entre você e outras pessoas e lugares”).⁶ Precisamos mais do que nunca de Jacobs. Assim como precisamos ir *além* de Jacobs.



⁴ “We are going to have an urban monster that never was – a pseudo-city composed of economically segregated islands, with dreadful and endless social consequences; composed of large, repetitive, separated, monotonous buildings, with dreadful economic consequences” (Jacobs, 2016a [1958]:137). Traduções do autor.

⁵ “If we would stop building projects and start building buildings, we could relieve the housing shortage much faster, with much less dislocation of people, without destruction of neighbourhoods, and with increase of density where density needs to be increased” (Jacobs 2016b [1962]:14).

⁶ “You see, home is not just a building; it’s a territory, the whole connection between you and other people and places” (Jacobs 2016b [1962]:12).

Figura 1 – Bibliografia jacobiana (exceto The Question of Separatism, fora de catálogo).

Fonte: Autor

Esta chamada para trabalhos em *Revista Políticas Públicas & Cidades* teve sobretudo o objetivo de expandir nosso conhecimento da obra como um todo da teórica. Os trabalhos submetidos, entretanto, terminaram endereçando pouco as obras além do seu único livro publicado no Brasil. Se por um lado, a língua e o acesso a publicações no exterior parecem barreiras difíceis de transpor em nosso contexto, por outro, nosso mercado editorial acadêmico se mostra conservador, ao ponto de ignorar a maior parte da produção da autora mais citada na disciplina.⁷ Conhecer mais dessa obra permitiria a estudantes e pesquisadores brasileiros entenderem a *evolução* de suas ideias: o modo como ela expandiu seu campo substantivo ao lidar com limitações e *insights* contidos em trabalhos anteriores, e ao ir em direções novas e inusitadas. Esse conhecimento é especialmente importante no nosso cenário de produção acadêmica, onde proposições e críticas com frequência vêm desacompanhadas do conhecimento profundo da obra em questão. Um *modus operandi* que, no horizonte, pode afetar a todos os que pesquisam e publicam – por se replicar indiscriminadamente, adiante tornando autores e críticos superficiais em autores superficialmente criticados.

Uma questão geralmente mencionada entre as limitações da abordagem de Jacobs é o problema da *gentrificação*. Vale discutir um pouco esse ponto, no sentido de contextualizar a posição da autora. Jacobs estava atenta ao problema da *segregação* por raça e renda⁸ e da *gentrificação*, discutindo explicitamente a necessidade de permanência de famílias que habitam áreas pobres antes do processo ser disparado,⁹ e rejeitando publicamente o problema em entrevistas.¹⁰ Há um capítulo inteiro em *Death and Life* sobre *subsídios à habitação* (o capítulo 17). Vale lembrar ainda que até nossos dias esse problema não foi solucionado pela teoria (no melhor do meu conhecimento), por envolver ondas de valorização e substituição de edificações que iniciam com a difusão da informação sobre oportunidades espaciais e avançam em direção a padrões emergentes de ações individuais. Um pouco como tentar lidar com um estouro numa manada de cavalos selvagens. Se podemos entender e rejeitar a *gentrificação* melhor hoje, *controlar* a *gentrificação* ainda é uma besta inteiramente distinta. Simplesmente precisamos de mais pesquisa sistemática no tema.

Um segundo ponto comumente evocado se refere à ausência de uma crítica contumaz de Jacobs às forças econômicas por trás da renovação urbana. É importante colocar uma condição de fundo, para não esperarmos de um autor ou autora algo que sua abordagem (e sua epistemologia) não oferecem. Jacobs *não* era uma pensadora

⁷ Veja meu artigo, “Jane Jacobs”, nesta edição.

⁸ E.g. Jacobs (1961 [1993]:371-4; 428).

⁹ Jacobs (1961 [1993]:375; 2016a [1958]:133).

¹⁰ E.g. Jacobs (2016b [2001]:98-9).

marxista. Era, na verdade, uma crítica do marxismo e de qualquer teoria ou ideologia que envolvesse o controle total de uma economia, por entender que as redes múltiplas da agência, interação e inovação humana não podem ser planejadas verticalmente, *top down*, por qualquer entidade. Epistemologicamente, o conceito marxista de ‘capital’ simplesmente não opera com a mesma estrutura analítica da conceituação que Jacobs utilizava, voltada a *abrir* as forças da caixa preta do capital em tramas microscópicas, focando nas ações dos atores ‘pequenos’, e como eles geravam tendências – ou sofriam com elas. Sua carreira foi também um esforço *contra* prescrições de ordens de viver – e em favor de entendermos as *condições materiais e éticas da vida coletiva*: as condições *necessárias* (mínimas, sem as quais a vida coletiva não ocorre), mas não *suficientes* (portanto, não determinísticas) para a geração da complexidade e espontaneidade das ações e interações no mundo social.

Mas antes de cairmos em desapontamento, notemos que Jacobs também criticou as teorias de Adam Smith (em *The Economy of Cities*, de 1969, e em *Cities and the Wealth of Nations*, de 1985). Ela *rejeitou* a replicação da lógica empresarial na ação de governos (em *Systems of Survival*, de 1992), a elevação da economia como a principal ciência na tomada de decisões políticas, e o consumismo exacerbado e homogeneizante (em *Dark Age Ahead*, em 2004). Ela não entendia o uso de privatizações de acordo com o dogma dos ‘governos mínimos’ e se opunha à destruição das redes de proteção e seguridade social por Margaret Thatcher,¹¹ bem como ao conservadorismo de direita que viu em decisões de governos locais e do governo federal americano, distantes da experiência cotidiana, em sua atividade política. Como menciono em meu artigo nesta edição, ela conseguiu frustrar a direita e a esquerda, porque preferiu pensar livre de formatações.



¹¹ Zipp e Storrington (2016:245); Jacobs em entrevista com Richard Carrol Keeley em *Ethics in Making a Living: The Jane Jacobs Conference* (Atlanta: Scholars Press, 1989).

Figura 2 – A família Jacobs, na 555 Hudson Street (esquerda). Ironicamente, hoje há uma imobiliária em seu térreo (direita). Fonte: Jim Jacobs (in Flint, 2011); Autor

Para compreendermos Jacobs, é preciso lembrar de **sua vontade de saber “como as coisas funcionam” e não dizer “como as coisas devem ser”**.¹² Em mais de um sentido, Jacobs representou a nêmesis de figuras que *moldaram* o século XX, cidades e cotidianos, via arquétipos da forma urbana e do planejamento que se replicariam mundo afora – **notavelmente, dois dos ‘cavaleiros do apocalipse’ urbano, Le Corbusier e Edward Moses**. Felizmente, as ideias de Jacobs substituíram a velha ortodoxia moderna. Trouxeram a razão indutiva, derivada da observação do local, do particular e do cotidiano à teoria e à prática do urbanismo – ideias que ela possivelmente só desenvolveu por não ter sido condicionada a pensar dentro das estruturas enrijecidas de uma disciplina então (e ainda hoje?) obcecada pela aparência de ordem. Jacobs escreveu livros sobre cidades, economia, ética, ecologia e civilização. Escreveu livros para crianças. Provavelmente, nenhum outro livro impactou os estudos urbanos tanto como *The Death and Life of Great American Cities* – algo com paralelo em poucas obras em qualquer disciplina.

Jane Jacobs é membro de um seleto grupo literário. Muito raramente um livro popular tem um impacto tão profundo que altera perceptível e permanentemente o conhecimento em uma determinada área.¹³

Boa parte dos praticantes e estudiosos em urbanismo é, hoje, *jacobsiana* em alguma medida, mesmo sem saber. Conscientemente ou não, **quando falam em “cidades para pessoas”, “bairros caminháveis”, “cidades compactas” ou em “vitalidade”, evocam** traços do discurso de Jacobs, que animam (ou estimularam na origem) essas definições. Agora, ela precisa ser mais ouvida por professores de projeto arquitetônico, e por arquitetos e construtores atuando no mercado, muitos dos quais ainda não parecem ter entendido suas lições, sobretudo no Brasil. Precisamos de mais jacobsonianos.

A presente edição: os artigos, brevemente descritos

Tivemos um número significativo de submissões e a maioria, portanto, não pôde ser incluída nesta edição. O editor principal de *Revista Políticas Públicas & Cidades*, Wesley Medeiros, assumiu a distribuição das submissões aos pareceristas da revista, em um processo de revisão duplamente cega (exceto meu próprio artigo, como editor convidado). Vejamos o painel que foi composto coletivamente.

No primeiro artigo, “Jane Jacobs”, busco *contextualizar* esta edição especial. Parto da leitura de que a obra de Jacobs ainda é desconhecida em nosso país. De seus sete

¹² E.g. Jacobs (1961); 2016b [1962]:19).

¹³ “Jane Jacobs is a member of a select literary group. Only once in a great while does a popular book have an impact so profound that conventional wisdom in a given area is perceptibly, permanently changed” Gratz in Jacobs (2016b [1978]:23-24).

livros voltados para questões urbanas, materiais e morais, apenas o primeiro foi traduzido em português. O ensaio busca estimular respostas a esse enorme déficit, fazendo um panorama da trajetória pessoal e intelectual de Jacobs, uma análise de todos seus livros, das principais contribuições em sua longa carreira, e das suas controvérsias – de seu *status* como pioneira da jovem disciplina dos estudos urbanos e teórica em economia à pensadora verdadeiramente *transdisciplinar*.

Em “O papel da caminhada na arquitetura e no urbanismo”, Douglas Aguiar explora a centralidade do pedestre na vida urbana. Esse é um tema caro à Jacobs, vide sua conhecida imagem do ‘ballet da rua’, mas que transcende absolutamente sua obra. O autor percorre os antecedentes no exame da condição corporal no espaço, da *promenade architecturale* corbuseana à ideia de legibilidade em Lynch, da ‘gradações de acessibilidade’ de Hertzberger ao lugar do corpo e da espacialidade do percurso na criação de sistemas de encontro, em Hillier e colegas. O artigo sintetiza uma abordagem para avaliar a qualidade de situações espaciais, que chama “método do observador”, construído sobre um diversificado arcabouço teórico e instrumental. Finalmente, propõe o tripé ‘legibilidade’, ‘funcionalidade’ e ‘vitalidade’ como categorias para uma ‘ecografia espacial’ voltada a detectar as condições materiais para a presença do corpo no espaço público.

Em “O pensamento de Jane Jacobs na perspectiva da cidade includente”, o terceiro artigo, Maria Martins, Paula Oliveira e Giulia Patitucci buscam ampliar as formulações de Jacobs no sentido de explorar explicitamente os problemas da inclusão e da animação urbana, analisando o papel de equipamentos públicos de educação, tendo como estudo de caso os Centros Educacionais Unificados, no contexto de São Paulo. O artigo faz uma “leitura de Jane Jacobs não apenas como a autora referência para o Desenho Urbano, mas como artífice na construção de desenvolvimento social”, sobretudo na vida local, explorando conexões com questões como o acesso a oportunidades e à educação.

“Um grito na rua: Jane Jacobs e a vida das grandes cidades”, de Fernando Pinho, o quarto artigo desta edição de RPPC, explora a condição de ‘manifesto’ do primeiro livro de Jacobs. Destacando a importância da observação do cotidiano e da experiência pessoal (e por isso, política), o trabalho faz uma revisão de conceitos de *The Death and Life of Great American Cities* que será especialmente útil para aqueles que desejam uma introdução ao trabalho da teórica, trazendo ainda um pequeno panorama da recepção daquele trabalho por estudiosos que lideraram a disciplina dos estudos urbanos e aquelas vizinhas, como Françoise Choay, Peter Hall e David Harvey.

No quinto artigo, “O espaço público (in)visível ao olhar de Jacobs”, Andrei Crestani e Brenda Pontes interrogam em que medida o livro *The Death and Life of Great American Cities* ainda oferece elementos que permitam avançar o que sabemos sobre a realidade urbana e o espaço público contemporâneos. Buscando ir “além de um

elogio à Jacobs”, o artigo fundamentalmente problematiza o **problema da ‘diversidade’** como questão social. A diversidade de Jacobs em *Death and Life* é focada nas **atividades e tipos de ‘públicos’**, não nas ‘diferenças’ enquanto ‘alteridades’. Originada no conceito de ‘Outro’ em Hegel, no século XIX, a **ideia de ‘alteridade’** ainda não estava em debate naqueles anos, nos termos que hoje conhecemos – um debate que ocorreria sobretudo após a publicação de *Totalité et Infini: Essai sur l'Extériorité*, de Emmanuel Levinas, também publicado em 1961, na França. **De fato, ‘diversidade’ (urbana), ‘diferença’ (social ou em identidades) e ‘alteridade’ são conceitos distintos, e Jacobs não operava no “nível simbólico da experiência” e da intersubjetividade.** O artigo contribuiu para uma leitura crítica contemporânea sobre caminhos para avançar o entendimento do papel das cidades no tema da alteridade e experiência urbana.

“Espaço público e urbanidade: Estudo da influência de aspectos morfológicos locais sobre a utilização de praças em Florianópolis”, Thalyne Cabral, Adriana Rosseto e Renato Saboya investigam as relações existentes entre a intensidade de utilização de espaços públicos, especificamente os espaços convexos das praças, e as características espaciais do seu entorno. Relacionando conceitos de diversidade e condições de segurança, que hoje transcendem as bordas da teoria jacobiana, a conceitos de configuração e acessibilidade topológica da teoria da sintaxe espacial, de Hillier e colegas, o trabalho analisa oito praças em Florianópolis como estudos de caso. É um exemplo de como podemos sintetizar abordagens mais afins aos nossos objetos de estudo a partir de posturas menos ortodoxas, combinando os recursos de teorias e métodos distintos.

O sétimo **artigo**, **“A rua como trama de diversidade e vitalidade: um estudo da rua Santa Juliana (Sete Lagoas, MG)”**, Anderson Sant’Anna, Jupira de Mendonça e Daniela Diniz estendem itens da leitura jacobiana para incluir as relações entre espaço e ação social (um conceito que se origina em Max Weber). Examina a rua como *locus* da vitalidade a partir das quatro categorias jacobianas de *Death and Life*, incluindo estudo empírico a partir de entrevistas semi-estruturadas, e focando em entender **como “agentes sociais específicos condicionam e são condicionados por configurações espaciais igualmente específicas”**.

Fechando esta edição especial de RPPC, temos uma reflexão coletiva realizada por alunos de graduação da FAU-USP, conduzida por Renato Cymbalista. Cymbalista introduz o exercício de leitura e análise de *Death and Life*, enfatizando o papel do gênero na análise de JJ, e o enraizamento que nossas noções supostamente mais *cutting edge* como a valorização dos tecidos históricos, da sociabilidade das ruas e o combate à hegemonia dos automóveis encontram na visão da autora. Murilo Martins, Ana Carolina Mello, Gabriela Matsuzaki, Ana Yihan Ron, Olívia Tameirão, Pedro Fernandes, Pedro Sambrano, Júlia Pimenta, Rebeca Coimbra da Silva, Júlio César Arruda, Letícia Borges, Sariana Monsalve, Bruna Teixeira, Teo Santos, Victor Félix, Carolina Herrera Pinto, Luís Doring, Caroline Lohnhoff, Caroline Nobre, Celina Imamura, Deborah Caseiro e Érica Acamine fazem leituras dos capítulos do clássico.

Esta é a coleção de trabalhos que apresentamos. Esperamos que ela seja útil para aqueles que queiram conhecer a obra de Jane Jacobs mais amplamente e mais profundamente, ao ver suas principais ideias avaliadas, criticadas, aplicadas ou estendidas em direções distintas.

Editor convidado

Vinicius M. Netto é doutor (University College London, UCL) e Professor Adjunto da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Estuda a cidade como (i) sistemas de encontro, (ii) sistemas de comunicação, e (iii) sistemas de interação material. Vinicius é autor dos livros *The Social Fabric of Cities*, lançado pela editora Routledge no exterior (2017), e *Cidade & Sociedade* (2014), e é co-organizador de *Urbanidades* (2012) e *Efeitos da Arquitetura* (2017). É também autor do documentário “*Arquitetura e o Ballet da Rua*” (2015) e de mais de 60 artigos e capítulos publicados no Brasil e exterior.

Contato ymnetto@id.uff.br | Visite www.socialfabric.city

Referências

- FLINT, A. (2011) *Wrestling with Moses: How Jane Jacobs Took ok New York's Master Builder and Transformed the American City*. New York: Random House.
- JACOBS, J. (1961) *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random House. [1993] Modern Library edition.
- JACOBS, J. (1969) *The Economy of Cities*. New York: Random House.
- JACOBS, J. (1985) *Cities and the Wealth of Nations*. New York: Random House.
- JACOBS, J. (1992) *Systems of Survival: A Dialogue on the Moral Foundations of Commerce and Politics*. New York: Random House.
- JACOBS, J. (2000) *The Nature of Economies*. New York: Random House, The Modern Library.
- JACOBS, J. (2004) *Dark Age Ahead*. New York: Random House.
- JACOBS, J. (2016a) *Vital Little Plans: The Short Works of Jane Jacobs*. Editado por Samuel Zipp e Nathan Storrington. New York: Random House.
- JACOBS, J. (2016b) *The Last Interviews and Other Conversations*. New York: Melville House.
- LEVINAS, E. (1961) *Totalité et Infini: Essai sur l'Extériorité*. Paris: Le Livre de Poche.
- ZIPP, S.; STORRING, N. (2016) Introduction. In: J. Jacobs, *Vital Little Plans: The Short Works of Jane Jacobs*. New York: Random House.